S. PAULO (BRASIL) | Sabado, 12 setembro de 1914 | ANO XIII — N. 260

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO. . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

A primeira tartufice

Roma locuta est...

O Papa Bento ou Benedito XV falou!

Referem telegramas de Roma que o parasita do Vaticano na reunião do consistorio fez um breve discurso dizendo que a guerra mundial é a consequencia da irreligiosidade.

Onde, em que livro estudou logica a santissima besta ha pouco estabulada no palacio dos Borgias?

Pois se a guerra mundial foi provocada pelo catolicissimo bandido Francisco José, que agora vem de morrer, como póde ser ela consequencia da irreligiosidade.

Ignorará, acaso, Bento ou Benedito XV que os homens que combateram a guerra até os ultimos momentos, e que sempre estiveram na vanguarda anti-militarista e anti-guerreira foram os irreligiosos anarquistas e os irreligiosos socialistas?

Ignorará, acaso, a santissima azemola que os bispos, os arcebispos e os padres da Alemanha, da França e da Austria fizeram preces ao Deus das batalhas pelos exercitos das respectivas patrias?

Não! Bento XV não ignora essas coisas. Finge ignora-las para melhor chegar aos seus planos, porque compreende que a Humanidade inteira está horrorizada diante da carnificina que se está fazendo na Europa.

Porque a Igreja não prégou, como os anarquistas, a recusa ao serviço militar? Porque a Igreja não combateu, pela palavra dos seus prégadores e dos seus missionarios, como os anarquistas e socialistas pela dos seus propagandistas, o anti-militarismo? Porque aplaudiu a Italia quando levou a luta e a morte aos oasis da Tripolitania e da Cirenaica? Ah! Tartufo!

Tu pensas que te diriges ainda aos imbecis de eras passadas?

Tu não sabes que estamos no seculo XX que será o da Revolução Social, que ha de abater tronos e altares e restabelecer a Paz e a Solidariedade entre os homens?

Basta de mentiras! Basta de explorações!

A Igreja no seu dominio milenar nada mais fez do que regar a terra de sangue. Cada pagina da historia é um libelo contra os vampiros negros que semearam a discordia entre os homens e açularam a barbaria dos salteadores coroados e não coroados.

Anti-clericais!
Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

ODE AURIRUBRA

. . . .

—Pois corra o sangue, dês que a sangria depura!
Pois arda o incendio, dês que o fogo opura!

Venha a loucura,
para o final dominio da Razão!

A Histoia deve aos Barbaros o advento
das novas Patrias; deve á Inquisição
o imprevisto esplendor do Pensamento...
A morte é aurora de renascimento
e é das noites que os dias surgirão...

—Que não fique a obra em meio!
Venha a ruina, afinal!
Pois, desse colectivo bombardeio,
do eclipse dessa guerra universal,
virá o inicio á Paz Definitiva,
á paz perpetua e sã,
á Humanidade rediviva
de amanhã!

Desaparecerá o horrivel avantesma,
pesadelo das almas progressistas.
E tú Consciencia Humana, integrada em ti mesma
para a capacidade superior
de ser livre, ser justa e soberana,
has-de empreender as mais luminosas conquistas
pela Felicidade Humana,
pela perpetua Paz e para o mutuo Amor.

Hermes Fontes.

A "Lanterna" em Belo Horizonte

Leilões no Parque

De um certo tempo para cá os padres em Belo Horizonte teem operado de uma forma assustadora. Tudo quanto se diz e pode imaginar-se de cavação tem servido de elemento para esses prégadores de asneira impingir na pacata população da capital mineira.

Não sei como neste seculo ainda se encontram gentes tão idiotas que nunca chegam á compreensão dos factos!

Refiro-me agora aos leilões no Parque, que ha tempos tiveram começo, com imenso resultado. Leilões no Parque é uma invenção dos padres, que tem dado sorte; não sei se é por serem promovidos por moças ou mesmo por que seja engenhosa a engrenagem. O certo é que na penultima vez a renda dos leilões atigniu a oito contos e seis centos e tantos mil reis, não se tendo despendido com isto mais de cem mil reis...

Para que os leitores de fóra compreendam bem essa astucia dos refinados gajos de sotaina, faço uma ligeira descrição de como são organizados os tais leilões e o quanto é subtil a alicantina.

O Parque é um jardim publico de Belo Horizente, situado no centro da cidade, de enorme extensão e de incontestavel beleza. Existem lá muitos coretos, dentre os quais alguns teem mais a forma de baiuca do que mesmo de um centro musical.

Os padres, que não dormem, tiveram logo a estupenda ideia de se apregoarem os objectos de leilão lá no parque em um dos coretos mais espaçosos.

Faz-se primeiro uma quermesse e os bilhetes são vendidos pelas moças mais *chics* e reconhecidas por esforçadas negociantes. Mandam-se avisos e convites para todas as familias. Desta forma, á hora marcada, os coretos já se acham bem iluminados e caprichosamente enfeitados de bandeirolas e galhardetes.

Começa então, ao som de belissimos dobrados, a se reunir o povo e dentro em pouco pode-se contar umas cinco mil pessôas á roda dos coretos. Corre-se a tombola e o resto da traficancia, que se encerra em balas doces, charutos, toalhinhas, rendados, tapetes, e tudo mais em relação, é vendido ali mesmo pelas provedoras mais activas, em forma de leilões.

Ora as moças escolhidas para tal missão sentem-se entusiasmadas e nesse dia se vestem e se pintam com arte, afim de muito bem se desempenharem dos seus encargos. E num vestir atraente, elas se acotovelam nos peitoris dos coretos, com um dos objectos na mão, e sorrindo para todos se mostram insistentes no: «Toma quem mais der.» E quem, diante de um rosto escultural de mulher, não quer fazer a sua fita? E, enquanto a humanidade estolida vai urdindo fitas, os padres — esses sanguesugas insaciaveis levantam catedrais, edificam palacetes, embucham-se de opiparos manjares e de deliciosos vinhos!...

. . . .

Admiro como as folhas locais, tão defensoras dos direitos do povo, se mostram indiferentes ante tal especulação!

Neste momento em que vemos tudo retroceder ao peso das ambições, das miserias e más administrações dos governos, o perigoso clericalismo aparece, como chamas infernais, a devastar as boas ideias e a implantar nos cerebros pusilanimes a crença vã, inutil, perniciosa e degradante.

A reacção é o unico meio capaz de pôr termo á situação humilhante em que nos achamos. E se este éco de reacção não se repercutir em todos os recantos do Brasil, — teremos em breve um clero absoluto e sanguinario reproduzindo as scenas horripilantes da inquisição!

C.

FANATICOS VERSUS FANATICOS

(A proposito dum film cinematografico) (*)

. . . .

E o amigo acercou-se de mim, radiante e de olhar risonho e homicidico, tendo a brincar-lhe nos labios polpudos e pequenos um sorriso em que se desenhava a expressão mais nitida de uma alegria sinistra e má...

— Então?... disse eu, apertando-lhe burguezmente a mão.

— Não imaginas! Que sucesso!

— Sucesso?...

— Sim, um sucesso magistral! Os fanaticos de Taquarussú na tela!...

Dispuz-me a ouvi-lo com algum interesse. Percebi-lhe rapidamente o prazer que o devorava para descrever-me alguns episodios da carnificina de Taquarussú.

E mais uma vez saudei com entusiasmo o grande Edison!

E o meu amigo não trepidou um segundo. Leu-me a disposição... e começou sempre sinistramente alegre:

"... a figura robusta e energica do general Mesquita, chefe das forças contra os fanaticos, o panorama geral da zona que limita Rio G. do Sul, Paraná e S. Catarina, o aprisionamento duns quantos fanaticos, a apresentação de armas á nossa linda bandeira, o museu dos jagunços, a bandeira, e o andor em que conduziam religiosamente uma criança, em procissão, para eles a santa virgem; a imponencia da secção de metralhadoras, a descoberta de jagunços que do mato faziam sinais.. o ataque e defesa duma emboscada, a entrada das forças federais, no reduto de Santo Antonio, a carga de baioneta, os jagunços mortos, o corpo do sargento Ivo, morto heroicamente na tomada do reduto, — em suma um *film* de real valor, porque nele podemos observar a coragem, a temeridade dos nossos soldados, a perspicacia e o traquejo de bravos oficiais do nosso glorioso exercito... Oh! tu não podes fazer o menor juizo do quanto se inflama em mim a chama audaz e vivificadora de um patriotismo ardente e irredutivel!"

. . . .

... e eu fiquei a pensar nos morticinios, na sorte dos jagunços e dos soldados, fanaticos uns e outros pela falta de raciocinio e educação. Fanaticos sertanejos, fanaticos *civilizados*. Aqueles fanatizados por uma crença qualquer, por esta ou por aquela mania incutida nos seus ôcos cerebros, por algum velhaco, ou velhacos, — estes pelo monomania da bravura, da gloria, da heroicidade, do dever patrio, do respeito á lei e aos seus superiores hierarquicos ou governamentais.

Uns e outros se trucidam ferozmente, estupidamente, obedientes, pela sua obecidade intelectual, á voz de um ou mais individuos, que se fazem respeitar como senhores absolutos, pelo grau de superioridade hierarquica ou psicologica, que exercem sobre esses infelizes, atirados ao campo do maior dos crimes patrios como um simples pasto de metralhas, balas e baionetas.

Os primeiros desconhecem a civilização, os segundos querem civiliza-los á bala.

Para a fome: bala. Para os livres homens: bala. Para a ignorancia: bala.

Em nome de Deus ou do Estado: bala.

Religião, dinheiro patriotismo: eis o mal.

O fanatismo é um efeito destas tres causas...

Os senhores do mundo, a quem o simples boato duma revolução qualquer empalidece o rosto e faz pulsar vertiginosamente o coração, não querem crêr, por ignorancia crassa ou por conveniencia propria, que o livro é a fonte universal do bem, a manifestação do progresso, o centro do sistema vulgarizador dos conhecimentos gerais, o termometro da civilização, que tudo engrandece e que a espada domina com terror e a guerra é a diplomacia do mal — e por isso nós os julgamos membros activos do conjunto animal do retrocesso humano.

***

E diga-se depois que não é comparadamente bugre... a civilização dos nossos tempos.

VII — 914.

Vian.

(*) ...em exibição no Rio Grande do Sul...

A religião, filha do medo

De um modo geral, o sentimento religioso desenvolve-se no individuo sob a pressão exercida pelo medo.

E' assim que o homem que vive longe dos grandes centros tem o sentimento religioso mais desenvolvido do que o habitante da cidade, pois tem mais que temer dos elementos e dos homens; e é assim que o habitante da montanha ou da costa é mais religioso que o habitante da planicie ou do centro do paiz, porque está mais perto dos perigos e mais longe dos socorros.

Os nossos avós eram, pois, mais religiosos do que nós, porque tinham mais medo do que nós ás epidemias, ás fomes, ás doenças, ás guerras, á justiça e aos malfeitores.

E nós somo-lo menos do que eles, porque temos menos que recear esses horrores, e porque as vias ferreas, as linhas telegraficas, os telefones, o jornalismo estabeleceram entre os homens relações incessantes, e estes sentem-se por isso reconfortados, diminuindo nessa proporção o seu sentimento religioso.

O sentimento religioso acha-se, portanto, em decrescimento na maior parte dos paizes.

J.-F. Raffaelli.
(Artista pintor).

CARTAS AOS TRABALHADORES

III

Na carta de hoje e na linguagem serena e descuidada das anteriores, proponho-me contar-vos um grande infortunio, que um simples acaso me fez conhecer ha pouco. Faço-o em carta dirigida aos trabalhadores porque, precisamente, é um filho de desventurados trabalhadores, cêdo caido em orfandade, a tenra e indefesa vitima deste lamentavel sucesso. Sucessos identicos enchem certamente o mundo, porque o mundo mata os trabalhadores muito antes de poderem crear os filhos. Ouvi-o, pois, e temei — este caso dolorosamente triste — se amaes e temeis a sorte de vossos filhos, dos vossos filhos pequenos sobretudo.

Chama se Domingos da Cruz, a infortunada creança de que vos quero falar, e tem apenas treze anos de edade. Encontrei-a uma noite de domingo, parada á esquina de uma rua, enrodilhada na sua miseria, concentrada no seu abandono. Era uma dôce, suave noite tropical, profunda e luminosa, á hora em que sonolentos burguezes, de ventre prospero e andar incerto, levando nos dentes o ultimo charuto do jantar, vão, embalados pela tagarelice das mulheres e das filhas, em busca da apetecida diversão, comoda e ligeira, que lhes ha-de tornar leve e facil a lenta digestão dificil. Passavam em pequenos grupos compactos e desapareciam defronte, na estreita praça, escoados nos cinematografos repletos, cujas luzes numerosas e coruscantes, atraindo e retendo os alegres e os felizes, descobriam e denunciavam a poucos passos aquela imensa tristeza e aquela grande infelicidade. Vestia miseravelmente a miseria dos abandonados e dos tristes, e o seu pequeno casaco, um pobre casaco de brim pardo, pareceu-me de desmesuradas proporções sobre os seus debeis membros descarnados. Tinha a palidez baça da fome numa face fundamente cavada que lhe alterava de maneira sinistra a linha regular do queixo. Os seus olhos, dum brilho fundo e suspeito, eram de uma extraordinaria doçura, a doçura dos longos sofrimentos numa longa e silenciosa resignação. Era a viva e heroica expressão da dôr, uma dôr infantil e já velha, que, apoderando-se daquele pequeno corpo quasi ao nascer, para sempre e irremediavelmente o perdera. Nunca silhueta de creança revelou, num recorte tão vivo e flagrante, uma tal soma de sofrimento nem uma angustia maior. Não era uma dôr somente, eram as dores todas da infancia obscura e desgraçada, os sofrimentos silenciosos de todas as inocencias, todas as augustas e sublimes resignações infantis, caladas, inconscientes, inexplicaveis. Ela — a misera criatura — não saberia dizer porque sofria nem se o sofrimento era a dura lei da sua vida, da sua vida de miseria e abandono.

Não poderei esquecer nunca a singular impressão que a sua voz me produziu. Era uma voz tenue e lamentosa, infantil e vaga, terna e carinhosa, que parecia vir de muito longe e escoar-se num fiosito prestes a romper-se. Mesmo fraca, porêm, mesmo vaga, quasi imperceptivel ela parecia traduzir riquezas inexgotaveis em ternura e meiguice, que sua pobre mãe, morrendo, não pudera recolher e que, para sempre inuteis jaziam naquela pequenina alma maternalmente inutil.

Tinha febre, uma grande febre, que me apavorou. Tossia. E foi com um grande esforço que respondeu ás minhas perguntas e me disse, talvez sem vontade, a historia da sua vida, da sua vida de treze anos, simples, dramatica, contemporanea, em episodios esparsos.

Trabalhara até á vespera como vendedor ambulante de dôces. Era o seu ultimo emprego, o unico que conseguira obter depois que, por falta de serviço, fôra dispensado de uma pequena casa de bebidas situada num bairro distante. Andara algum tempo desempregado, e começava a passar fome quando lhe apareceu, providencial e salvadora, aquela colocação. Mas não podia mais. Tinha forçosamente de a deixar. Era um máu serviço aquele. Todas as manhãs, ás sete horas, o seu patrão, excessivo e brutal como quasi todos os patrões, lhe passava pelos seus pobres hombros a suja corrêa do enorme taboleiro, cujo peso, desconforme para os seus poucos anos, o fazia dobrar-se todo para a frente e trazer continuamente encolhido o seu magro peito de criança. Assim andava todo o dia, assim percorria quasi toda a cidade, caminhando leguas sem cessar, ás vezes sob um duro sol inclemente, que lhe queimava as carnes tenras atravez da roupa singela. Molhava-se muitas vezes tambem. Fortes aguaceiros surpreendiam-no frequentemente atravessando lugares abertos e desabrigados, e como não tinha a esperança de poder trocar os miseros trapos encharcados, deixava que estes lhe secassem sobre o corpo no calor das longas caminhadas.

Aquela doença, aquela maldita doença que o não deixava trabalhar, que lhe oprimia o peito, que o sufocava nas longas noites de calor, aparecera-lhe algum tempo depois de andar neste serviço. Estivera muito mal, escarrara sangue. Então, aconselhado por companheiros de oficio, quasi tudo gente da sua idade, — mais felizes apenas, por terem o bem supremo de uma familia e dois braços maternalmente abertos ao fim do dia — fôra á Santa Casa, á consulta. Então já era grande o seu estado de fraqueza. Após um curto exame, feito por um medico sempre apressado, recolheram-no á enfermaria. Melhorou. Ao cabo, porêm, de dezesete dias, mal se sustendo ainda nas pernas frageis, deram-lhe alta. E ao deixar o hospital, como não pudesse suportar a sêde, uma sêde horrivel que o abrazava, entrara numa taverna e pedira um copo d'agua. O taverneiro, um sujeito gordo e baixo, de grandes bigodes pendentes, disse-lhe, encarando-o e franzindo a testa, que não, que o não podia atender, que o hospital era em frente e que ali não se dava de beber a tisicos. Que tivesse paciencia. A criança, humilde, envergonhada, pediu desculpa. E sentira vontade de chorar, de chamar alguem, alguem que devia estar ali para ampara-lo, defende-lo, contra aquela brutalidade. Mas esse alguem não o ouviria, por mais ardente e desesperada que fosse a sua suplica, esse alguem, que era sua pobre mãe, tinha desaparecido ha muito.

Fraco, tropego, com febre, voltara ao trabalho, fôra buscar o taboleiro fatidico. Andava pouco agora, deixava-se ficar na primeira praça á sombra amiga de uma arvore. Mas vendia menos e o patrão, exigente e rispido, ameaçava despedi-lo. Como trabalhava á comissão — trinta réis em cada dôce — havia dias de não ganhar mais que uns magros seis tostões. Com isto comia — pão e café, raramente outra coisa — e pagava de quarto cinco mil réis por mez, um estreito e imundo quarto á travessa do Quartel, onde pernoitava com mais dois companheiros.

Era orfam. Sem pae, que tinha o oficio de carroceiro, morrera havia oito anos em consequencia de sucessivas rupturas, provocadas, segundo diziam, pelas continuas car-

O BOM CURA

Morava no meu lugar
Essa aldeana formosa,
Tinha as faces côr de rosa
Macias como o luar.

Todos queriam amar
Essa linda mariposa,
Ela, arisca, e orgulhosa
Não os queria escutar.

Um dia, o bom do reitor
Foi jurar-lhe o seu amor,
E... ela creu, cheia d'esperança,

Em tudo o que ele dizia
Até que... num belo dia
O brindou c'uma criança.

Albino Bastos.

gas e descargas de enormes pezos, a que ele, repelindo todo o auxilio que lhe diminuisse o ganho, raramente se furtava. Sua mãe, essa não a conhecera, pelo menos não lh'a recordavam as suas reminiscencias. Falecera de parto um ano depois dele nascer. Lavava e engomava para fóra e o medico que a tratou dissera que fôra um resfriado. Ele não sabia ao certo. Seu pae um dia, a uma pergunta sua, falara-lhe vagamente no calor dos ferros de engomar, uma noite de muito serviço, num sabado. Alguns dias depois ela morria.

Ao ficar só e pequenino, fôra levado a uma familia pobre, visinha e amiga da sua, que o recebera com signaes de satisfação no meio da sua pobreza. Aí vivera, aí crescera até á idade em que lhe foi possivel trabalhar e ajudar a casa, trazendo e entregando, cada mez, á sua mãe adoptiva os poucos mil réis que lhe pagavam. Enfim, era sina sua não ter casa e não ter familia: a miseria desta pobre gente augmentando na proporção dos braços validos que desapareciam, levados para um novo destino e para uma nova miseria, tinha-o forçado a ele a precipitar-se na vida, ao acaso da fortuna, buscando por sua propria conta, aquilo que já lhe não podiam dar: — casa e meios de subsistencia. Errou pela grande cidade — a formosa Pauliceia — durante mezes e mezes, passou fome, dormiu ao relento pelos portaes. Conheceu varios empregos e foi sempre mal pago. Um dia adoeceu, esteve á morte. Salvando-se, encontrava-se sem força para o trabalho, minado por males irremediaveis. Aos treze anos — idade em que os filhos dos ricos principiam a viver e a gozar — ele, a pobre criança, paria inocente duma sociedade maldita, começava a definhar e a decompor-se.

Eis aqui, sem frases de efeito e sem ornatos, a historia simples e verdadeira desta infancia desventurada. Sobre ela construir-se-ia um belo conto, com grandes e comoventes episodios, capazes de armar á piedade e á... caridade das pessoas filantropicas. Mas quem escreve estas linhas não é romancista nem tem veleidades de escritor romantico. Por outro lado, odeia a piedade e odeia a caridade ainda nas suas formas menos humilhantes. Quiz simplesmente dizer vos em carta e no estilo de carta, como pude e soube, o que sobre uma criança, a sua miseria, o seu abandono, a sua doença, esta criança me contou e o mais que deduzi, preocupando-me exclusivamente com a verdade, inteira, completa, absoluta, e sobre esta verdade — tristemente dolorosa — chamar a atenção dos trabalhadores e das mulheres dos trabalhadores, que têm filhos pequenos e que, orfãos amanhã, serão ineluctavelmente, irremediavelmente, outros Domingos da Cruz — abandonados, famintos, doentes, corroidos pela miseria e pela tisica.

— E a pobre criança, que é feito da infeliz criança de que nos falaes? — perguntareis vós, honrados proletarios.

Socegae. Domingos da Cruz não está só. Fez-se-lhe o que é compativel com a justiça dos tempos, a justiça como a entendem todos os revoltados. Isto deve bastar.

Alfredo Villa-Sécca.

Secção amena

Uma linda senhora a um padre moço, seu convidado:

— Como tem as mãos brancas, reverendo! Que faz V. Rev. para isso?

— Eu?... Não faço nada...

♚ ♚ ♚

Uma beata ao vigario:

— Qual é o meio mais seguro de ir para o céu?

— E' fazer testamento em favor da Igreja.

— Mas eu tenho parentes pobres...

— Deixando-os na pobreza, a senhora ajuda-os a ganharem o céu...

♚ ♚ ♚

Um carola encomendou a um pintor hereje um quadro representando A fuga para o Egipto. O artista fez o seu trabalho de má vontade e descuidadamente. No dia seguinte, vem o criado do cliente:

— O patrão manda perguntar se isto aqui (apontava para um ponto do quadro) é boi ou burro.

— Diga ao seu patrão que é urro.

Vida triunfante...

Nilo!... Nilo!... Esse nome sempre me ressoa pelos nervos, ás mais das vezes, quando me ponho a relembrar as minhas saudades religiosas de colegial traquinas, envolto todo esse triste lampejo da memoria num sudario de tristezas, como o corte duma espada numa epiderme nervosa — longamente dolorido. Naquela nossa rudimentar sociedade do colegio, estatuida em crenças absurdas dum programa pavorosamente religioso, Nilo se impunha ao extase de admiração de todos os colegas, com uma austeridade impecavel, encravada entre todos nós, como uma pedra preciosa, na sua auréola doentia de fanatico. Alto, meio corcunda, num corpo magro, em sua face, os olhos, como estrelas, nas trevas dum eclipse, nadavam tristemente, como dois cisnes moribundos; e não tinham nenhuma expressão, nenhum fulgor de vitalidade. O rosto tinha, severo, os nervos mortos pela sua imobilidade fisiologica, como nenufares numa calmaria de aguas putridas... E eu mesmo bem não sabia definir se dentro dele funcionava a maquina vital, com toda a regularidade, num espasmo perpetuo de sangue enrubescendo as carnes... Era o maior beato de todos os outros, o discipulo louco de S. Luiz de Gonzaga. Imitava bem deste o exemplo ascetico de paranoico bem elevado na classe das loucuras, as suas escrupolosidades de idiota. Sobresaia entre todos pela sua crença soberana, manancial milagroso, aonde a sua alma ia beber, como uma boca faminta, no fundo dum poço. Os seus pensamentos, por isso, tinham a pureza indelevel dos espelhos novos...

Todo o reino do céu, santos e beatos dormiam e moravam dentro do seu espirito como umas poucas de andorinhas na torre duma igreja. E aí tornavam-no frio, fraco, no atrofiamento organico dos instintos da vida, na asexualidade de animal doente. Os nossos padres, porque era religioso, o nosso azilo, aonde me acobertei seis longos anos, num tormento de prisineiro — punham-no á nossa vista profana como um bom exemplo a imitar, todo empanturrado de virtudes, todo engalanado de esplendores, todo untado de castidades...

Nilo era o meu maior inimigo; a minha filosofia rude de ignorante, mas materialista, fazia-o extremecer de raiva, de temor, de vergonha, sarcastica, profanadora como uma cusparada na efigie duma hostia. E ele, quando por mim passava, abria os labios numa prece, rosario entre os dedos finos, compunha toda a fisionomia, num arreganho de louco, no aprumo altivo de cortezão favorito do Senhor.

⁂

Nilo começou a sentir-se nervoso, doente, um dia. A vida, — e ele, dogmatico, prègava-o, era o peor dos males, — um carcere da felicidade eterna!... Doutro lado, comparada ela a um caminho com um muro no meio, estava Deus, repoltreado como um burguez rico, feliz na digestão dos seus milagres divinos, entre o coio dos seus anjos cantores, das suas virgens de olhares meigos, de palavras suaves, — dos seus velhos profetas, cheirando á saudade das idades desconhecidas... E ele se sentia ansioso por ve-los, nervotico, impaciente como um amante desejoso... Se custa tão pouco a gente chegar aos pés de Deus, enrolar-se-lhe nos braços musculosos, beijar-lhe as barbas perfumosas, entre as nuvens de mirra sagrada, unir-se a ele, na voluptuosidade santa do seu misterioso amor, porque se não desagregar a alma do corpo como uma borboleta dum casulo?...

E ele andava por todos os cantos, olheiras submersas, refletindo a tristeza da sua quimera, com essas teorias exquesitas.

A ideia de Deus, com seus gozos inefaveis, chamava-o doutro lado da vida; sorria-lhe. Atraia-o. Enlouquecia-o.

Foi numa manhã nevuosa, perto já das férias, que ninguem soube explicar a demorada ausencia de Nilo. Procuraram-no, debalde, por todo o colegio.

Nilo desaparecera misteriosamente; muitos criam-no arrebatado ás infamias da terra, num carro de fogo, num cortejo de nuvens, levado pelos ares, de braços, promiscuamente, pelos anjos, pelas virgens... Mas, o certo foi que, de Nilo, se passaram dois dias sem noticias. Até que o descobriram no pantano, de cadaver inchado, roxo, apodrecendo, entre os brejos vizinhos. Foi um clamor; e foi um sussurro geral. Fôra Deus quem o chamara, atraindo-o para a volupia assassina da Morte, — prègava a matilha de todos os carolas. Mas o pobre do Nilo, e eu lhes conto a verdade, fôra obsecado pelas crenças religiosas, entontecido por elas, numa miragem de esperanças risonhas.

— «Foi a alma quem venceu a vida, domando-a», logo apregoaram. Agora, ela era a falena d'ouro, alada pelos espaços, erguida do lamaçal da materia, onde chafurdam as celulas e os corpos. A vida era, para aqueles imbecis, unicamente, o sopro animico da alma que movia os musculos, avermelhava o sangue, transformando-se em sorrisos, em pensamentos ao depois...

Por isso, Nilo vencera, diziam, suicidando-se na lama dos pantanos; esmagara a força diabolica da vida!

E recomendavam se a ele, chorando-o, olhos estendidos para o céu, numa obsecação de idiotas. Mas, defronte do morto, sentia-se a vida ainda dentro daquelas materias putridas, agitada sempre, na sua eterna fermentação. E resurgia por todos os musculos, por todas as fibras; multiplicava-se por todos os póros; vibrava na fome aguda dos vermes. E estes surgiam, apavoradores, pequeninos, numa luta subcutanea de bocas vazias.

... Assim, a Vida com eles triunfava, na inercia daquele grande organismo imovel; — e triunfava, eterna, indestructivel, das quimeras religiosas dos loucos, das mentiras humanas, dos fantasmas divinos, a Vida, — força misteriosa; a Vida, — canção do sangue na lira organica dos musculos e dos nervos; a Vida — a unica, a imortal divindade do Universo...

Mario Wanderley.



REVOLTANTE!

A policia deu sumiço ao operario Manuel Campos, preso ha 44 dias

Outra prisão arbitraria

O companheiro Manuel Campos, preso, em Santos, no dia 8 de agosto e transportado para esta capital, ainda não apareceu.

A policia burlou a acção da justiça negando a sua prisão quando foram requeridos dois habeas-corpus em seu favor.

Que destino terá a policia dado ao honrado trabalhador?

Terá repetido a infamia praticada com Francisco Calvo, martirizando-o e depois atirando o á alguma estrada distante?

Que é feito de Manuel Campos, srs. da policia?

E a imprensa não diz nem uma só palavra sobre o gravissimo caso! Para outra coisa não está ela arrolhada pelas subvenções oficiais.

Outro operario preso

Uma outra vitima da sanha policial.

Na sexta-feira passada, foi preso o companheiro Alfredo Ovidi, acusado de distribuir boletins de convocação do comicio que se devia realizar no Cambuci.

Admiravel terra! Prende-se um homem porque distribuia convites para uma simples assembleia de salão!

São já passado 8 dias e de Alfredo Ovidi não se conhece o paradeiro!

Morreu um Bandido!

O Tragico Fim de Francisco José

Nel sangue ingiovanisti, nel sangue invecchi, nel sangue affogherai e sia sangue tuo.

Telegramas de varias procedencias anunciam que esticou as canelas, com o espirito mergulhado nas sombras da loucura, o bandido coroado que deu pelo nome de Francisco José, e que viveu tanto só para desencadear sobre a Humanidade os horrores da guerra que já ensanguentou o solo de quatro partes do mundo.

O miseravel imperador da força, opressor da Hungria, da Polonia, da Bosnia-Hersegovina, da Dalmacia e de Trieste; o velho imbecil que durante sessenta anos se curvou docil e submissamente a todas as infamias que lhe ordenava o seu director espiritual; o catolicissimo lacaio do Vaticano morreu como devia morrer, sofrendo, nos ultimos dias de vida para expiar todos os crimes que mandou praticar, e vendo o poderoso imperio que ele dominou pelo terror esfacelar-se na ponta das espadas vitoriosas dos servios, dos montenegrinos, dos russos, dos franceses e dos ingleses.

Mais ainda!

Para maior castigo do assassino coroado, dizem os ultimos telegramas, ele veiu a saber, e por isso o seu espirito se mergulhou na loucura, que foi o arquiduque Francisco Ferdinando, cuja morte ele procurando viugar provocou a conflagração europeia, o assassino do seu unico filho Rodolfo.

Desce ao tumulo, miseravel!

Acompanham-te as maldições das mães, das esposas e dos irmãos, dos pais e dos filhos daqueles cujo sangue está sendo, por tua culpa, derramado nos campos de batalha.

Que importa que te acompanhem as lagrimas e as missas dos abutres negros do Vaticano, que de ti esperavam o restabelecimento do poder temporal dos papas!

A Igreja tambem irá logo fazer-te companhia no cemiterio da Historia, varrida pelo vendaval da revolução saneadora que derribará tronos e altares.

A "Lanterna" em Santa Catarina

Cronica de S. José

Ainda as «santissimas» baudalheiras do vigario de S. Pedro de Alcantara

Dizem os entendidos em materia religiosa, isto é, os beatos e beatas que frequentam o confessionario, que a confissão é um segredo que se não deve violar: tanto o confessor como o penitente devem manter o mais absoluto sigilo relativamente ao que se passa nesse sagrado conluio.

Pois bem, e eu creio que assim deve ser; porque, se essa «sacratissima» patifaria que se passa entre um homem solteiro e uma mulher casada ou tambem solteira, fosse fa ada em publico, até um frade de pedra coraria de vergonha!

Por essa razão, atendendo a esse respeitavel principio de moral, é que venho pedir encarecidamente aos leitores da *Lanterna* que guardem o mais absoluto segredo sobre o que abaixo vou relatar.

⁂

Passou-se o facto em S. Pedro de Alcantara, neste municipio, e com o vigario a quem me tenho referido em correspondencias anteriores.

Um moço e uma moça daquela sacra localidade, ambos filhos de conhecidas familias dali, contrataram casamento. Dias antes do destinado ao enlace, que ali só são respeitadas e acatadas as formalidades religiosas, tiveram eles a fraqueza de irem ao confessionario expôr as suas miserias ao vigario.

A primeira vitima que compareceu ao *santo* interrogatorio foi o noivo. Este, de joelhos em terra, disse humildemente ao confessor, entre outras asneiras proprias de um doido, que ha tempos fôra contaminado de molestias venereas, mas que já estava curado. Oh! céus! brada o vigario cheio de indignação! Este monstruoso delito até faz tremer as pernas da cadeira da presidencia divina! Mas, sr. vigario, salve-me se ainda é tempo! diz-lhe o penitente a tremer!

Salvarei, disse o vigario de si para si; não a ti, mas á que escolheste para tua mulher. Quando chegou a noiva ao confessionario, disse-lhe então o padre:

F..., não cases com F... porque está doente e de molestia perigosa.

— Mas sr. vigasio, eu estimo tanto a F...; é até meu vizinho...

Não tem estimo nem pera estimo, responde o santissimo safardana.

— Amanhã diga-lhe que não mais quer casar com ele, sem explicar o motivo: é a ultima palavra.

E assim foi comprido. No dia seguinte teve o noivo conhecimento da inapelavel sentença do vigario que a sua «futura», toda chorosa, lhe expusera minuciosamente.

E ficou o casamento assim desfeito e por deliberação do vigario.

30 — 8 — 1914.

C. de Lippe.

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre-pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

—

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro Maximiano de Macedo, rua Sete de Setembro, 59, sobrado, Rio de Janeiro.

OS FRADES E A GUERRA

ESPIÕES ALEMÃES

Refere o *Daily Chronicle*, diz um telegrama, que o governo italiano descobriu em Roma muitos espiões alemães nos conventos e que, num dos mesmos conventos, pertencente a uma grande congregação religiosa (provavelmente a dos Beneditinos — O. S. B.) a policia encontrou aparelhos radiotelefices Marconi e Wireless.

A noticia, se pôde causar admiração a muita gente a nós não causou.

Nós sabemos que os frades prestam-se a tudo que é mau. Só não são uteis ao bem da humanidade.

Alêm disso sabiamos já que a igreja catolica desejava ardentemente a vitoria da Austria e da Alemanha, porque contava com a imbecilidade do recen-defunto Francisco José e com o delirio de grandezas de Guilherme II para o restabelecimento do poder temporal dos papas, restituindo-se os antigos Estados Pontificios, e, quiçá, toda a Italia, ao dominio do *Papa-Rei*.

E assim era natural que do antro dos conventos e acobertados com as roupetas ou com os bureis os espiões alemães pudessem dar ao Estado maior alemão noticias dos movimentos dos aliados.

Quem sabe se dos conventos dos Beneditinos alemães no Rio e em São Paulo não teem partido radiogramas para o *Bremen*?

Quem ousará afirmar que do antro da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, nesta Capital, ou do Potreine, em Curitiba, não partem tambem radiogramas.

Os frades alemães que estão no Brasil são todos oficiais do exercito prussiano em serviço de espionagem e de engenharia militar.

Em Curitiba era, ha anos, publico e notorio, que um frade alemão levantara a planta da bahia de Paranaguá e fizera sondagens no porto. Outro frade levantara a planta, para dois ou tres caminhos diferentes, de Paranaguá e Antonina a Curitiba.

E' hora que os nossos amigos, neste momento, não percam de vista os movimentos dos oficiais do estado maior prussiano que estão espalhados pelo Brasil e humildemente ocultos sob os bureis dos capuchinhos é as roupetas dos jesuitas e dos beneditinos.

Felizmente a Alemanha não vencerá, e a Revolução Social dirá a ultima palavra no horroroso drama de sangue que é a conflagração europeia.



Consequencias do fanatismo

O rapaz de 18 anos de idade, de nome Miguel Palmeiro, filho de Delfina Palmeiro, do Outeiro das Cabanas, freguezia de Achete, Portugal, com quem se deram umas scenas, em Azoia de Baixo, quando ali pretendiam a celebração duma missa para afugentar a alma penada que ele trazia na barriga, deu-lhe para dar novo espetaculo nesta cidade.

Segundo é notorio, o rapaz, acompanhado de mulherio e varios curiosos, dirigiu-se á igreja do Milagre, onde um eclesiastico lhe colocou, segundo nos garantem, a chave do sacrario na boca, afim da referida alma lhe sair por uma borbulha que ele tinha no calcanhar do pé esquerdo!

Vai sem camentarios!

MALES DA GUERRA

Sob o regimen da fome

Aumenta a miseria do povo, enquanto os srs. governantes continuam a esbanjar os dinheiros publicos — O povo desmancha a farsa caritativa — O Comitê Proletario de Defesa Popular está trabalhando.

A crise cresce de intensidade para a classe trabalhadora, ternando cada vez mais apertada a sua miseria horrivel.

O noticiario dos jornais regista quasi diariamente os suicidios de trabalhadores que buscam na morte o linitivo derradeiro para os seus males.

As fabricas, as oficinas, as obras, os *atelliers* que ainda trabalhavam com numero reduzidissimo de operarios vão encerrando as suas portas.

Os que ainda trabalham veem os seus já minguados salarios reduzidos a um punhado de tostões para um serviço aumentado consideravelmente.

Por todos os cantos encontram-se crianças e mulheres aos grupos esmolando um bocado de pão.

A fome domina todos os bairros operarios.

E enquanto o povo morre assim, á mingua, os seus governantes continuam a esbanjar, mantendo o filhotismo parasitario nas repartições publicas, disfarçado com a dispensa de alguns encostados, ao mesmo tempo que suspende, dispensa ou reduz os salarios nas suas oficinas e construções, como fez no Liceu de Artes e Oficios, na Repartição de Aguas, no Palacio das Industrias, na Penitenciaria, etc.

E enquanto o povo padece fome os srs. governantes gastam muitas dezenas de contas nos automoveis que fornecem a toda a corja oficial, para o seu uso particular, e arrolham as guelas de sucuri dos jornalistas com as pingues subvenções.

E enquanto o povo se debate na miseria os srs. da dominação, por mera ostentação, mudam a Camara Municipal para um palacio onde vai pagar, com o dinheiro arrancado ao publico explorado, 600 mil réis por dia de aluguel!

Miseraveis tartufos!

E, para que o povo não se rebele, proseguem os tratantes no seu movimento de canalhesca caridade, por meio do tal comité de socorros, manejado pelo bando negro da clericanalha, que está por aí a distribuir ostentosamente algumas cuias de feijão e umas miseras fatias de angú.

Mas o povo não se deixa iludir por esses pulhas, que, apesar de tanto estardalhaço, até agora juntaram apenas umas cinco dezenas de contos, quando para a construção da catedral subscreveram uma colossal fortuna.

As suas ridiculas cozinhas economicas e as tais sédes das comissões, desiludidas as pobres criaturas que lá iam, estão ficando ás moscas.

E varios são já os actos de protestos. Na tal cozinha da Moóca, segundo fomos informados, houve, ha dias, um protesto colectivo dos que lá foram. Num outro dia, a guarda da distribuição levou com o angú pelas ventas.

Assim são castigados os tartufos da filantropia clerico-burguesa.

Uma carta

Subscrita por *Um constante leitor*, recebemos a carta abaixo, que inserimos por conter acertadas considerações, como verá o leitor:

« O ultimo numero da *Lanterna* dá uma noticia do comicio promovido em favor das classes trabalhadoras e anota as palavras dos jornais clericais clamando contra a miseria do proletariado. Mas, perguntamos: De quem é a culpa por tanto sofrimento do pobre? E' o que diz o seu periodico. As causas da penuria dos operarios veem da gentalha que o *Correio Paulistano* e outras folhas defendem.

Em S. Paulo o Estado, governado por maraus que se chamam R. Alves, A. Lins e mais burgueses clericais, os dinheiros publicos teem sido, ou surripiados nas gorgetas e bons empregos aos filhotes, ou distraidos nos ilegais auxilios a catedrais em construcção, congregações, etc. Quanto tem ido para Roma?

Não deve haver ilusão com estes jornais que lamentam a situação para que contribuiram. A falsa caridade que se vê aí apregoar é para o burguez dar na vista e gozar a fama de benemerito; é para os clericais que tudo exploram e vendem a salvação das almas com bentinhos e aguas maravilhosas dizerem-se cuidadosos do proximo.

Olhe o operariado o conselho de Mauricio Charnay: Desejamos que os trabalhadores sejam, na actual transformação social, os artifices da propria felicidade. Desconfiem de todo aquele que os queira governar, seja qual fôr a mascara com que se apresente».

Os comicios

Na Agua Branca — Teve um exito completo o comicio realizado no sabado passado, á noite, neste bairro proletario por iniciativa do Comité Proletario de Defesa Popular.

A concorrencia que a ele acorreu foi grande, sendo uma parte do povo obrigada a ouvir da rua os oradores, por ter ficado repleto o salão.

Estudando as causas que determinaram a miseria dominante, combatendo os paliativos revoltantes com os quais os argentarios procuram iludir os famintos e estimulando o povo a cuidar directamente da sua causa, falaram os companheiros F. Agottani e Alexandre Cerchiai, em italiano, Florentino de Carvalho e Edgard Leuenroth, em portuguez, e F. Martins, em espanhol.

Com satisfação notamos que as ideias propagadas por esses camaradas foram muito bem recebidas pela numerosa assistencia composta de trabalhadores em quasi sua totalidade desocupados.

Foi profusamente distribuida a moção do C. P. de D. P., ficando o grupo lá existente incumbido de proseguir na propaganda e na agitação naquele bairro.

No Braz — Conforme anunciámos, realizou-se um comicio neste arrabalde, no domingo passado, pelas 9 horas, no Salão da Sociedade Oberdank, a ele acorrendo bastante concorrencia.

Fizeram uso da palavra diversos companheiros, discursando em portuguez, em italiano e em espanhol.

Foram todos unanimes em condenar a obra de mistificação que os amigos-ursos dos trabalhadores estão p'r'aí a praticar, menosprezando a sua dignidade e iludindo os ingenuos. Foi aconselhada a acção directamente exercida pelo povo para o conseguimento das melhorias de condições de que carece.

Foi feita larga distribuição da moção do C. P. de D. P.

O comité lá anteriormente constituido, de acordo com os grupos existentes, ficou encarregado de promover outros comicios naquele arrabalde.

Outros comicios

Além dos quatro comicios já realizados — no centro, Bom Retiro, Agua Branca e Braz — o Comité Proletario de Defesa Popular vai promover outros nos demais arrabaldes de S. Paulo e no centro da cidade.

Um boletim

Por toda a semana entrante vai ser distribuido um novo boletim do C. P. de D. P., no qual, em linguagem clara e incisiva, serão ditas ao povo as razões do tremendo crise que o atormenta e apontados os meios praticos de luta.

NAS OBRAS DA CATEDRAL

Rouba-se o trabalho aos operarios para favorecer os bandidos de batina

Que pouca vergonha! Isto já nem tem mais geito.

O povo encontra-se na miseria por falta de trabalho e o governo, que diz estar interessado em melhorar as suas condições, favorece a clericanalha, permitindo a importação de materiais de construção sem o pagamento dos direitos alfandegarios!

Ainda ha poucos dias, chegou da Alemanha um enorme carregamento de cantaria para as obras da Catedral que passou pela Alfandega sem pagar os direitos devidos!

E isto enquanto em S. Paulo estão desempregados centenas de canteiros.

Rouba-se assim os cofres publicos para favorecer a corja parasitaria do Vaticano, privando-se do trabalho os trabalhadores daqui.

Que santissimos bandidos!

A SANTA CASA DO RIO

ao envez de socorrer os enfermos, indica-lhes o caminho da morte

A *Santa* Casa do Rio, a despeito de perceber anualmente grossa quantia do governo federal e de varias loterias, para prestar os seus socorros á população indigente, é a mais torpe instituição que até hoje tenho conhecido.

Dirigida por jesuiticos comendadores apatacados que dia a dia mais aumentam as suas fortunas, e tendo um corpo medico que não reconhece as dores de seus semelhantes, ela se limita, não mais nem menos, a receber os enfermos que bem entende, te-los em seus leitos, por dois ou tres dias, sem assistencia medica, sem medicação e sem alimentação alguma, findo os quais manda-os embora, ou eles, acossados pela fome, de lá fogem, aterrorizados.

Contam-se ás centenas os casos dessa natureza lá praticados.

Ainda ontem, um infeliz João Manuel, vindo da vizinha cidade de Niteroi, munido duma guia para ser internado neste hospital, foi vitima da torpeza dum medico de dia que, após um ligeiro exame que fez no enfermo, disse-lhe que a sua doença não era para ser tratada em enfermaria, e limitou-se a fazer-lhe uma banal receita.

O infeliz, vendo-se em tal emergencia, perambulou longas horas pela cidade, indo, afinal, ter á Praça Mauá, onde, não mais suportando a fraqueza nas pernas e o sono, aí adormeceu, sobre um montão de pedras, como se fosse um misero que a perversa sociedade tem por luxo repudiar como banido!

Um rondante da guarda civil, vendo-o dormindo, e, zeloso pelo serviço publico, fe-lo acordar, e ordenou-lhe o — *circulez, messieur!*

Mais ainda desesperado da sorte o infeliz refugiou-se numa casa em construção nessa praça e, maldizendo o canalhismo da *Santa* Casa e de seus medicos, e o zelo torpe do famoso guarda civil que ao envez de o enxotar, melhor fôra que procurasse saber das causas do seu repouso em via publica, num gesto derradeiro, no ultimo momento de fraqueza moral e fisica, o desolado enfermo sem leito fez um esforço supremo, após haver lançado um ultimo olhar em torno de si e para além pelo oceano imenso atravez das grades do caes do Porto, utilizando-se duma corda que achara por acaso, atou-a a uma viga e, num desprezo soberbo pelo mundo, o desgraçado enforcou-se!

Malditos medicos os da *Santa* Casa e impostor guarda civil, que tão mal cumprem seus deveres!

Rio, 30 — VIII — 914.

Xavier Junior.



VIDA OPERARIA

EM FAXINA

Liga Operaria — Nesta cidade da Sorocabana fundou-se, no dia 5 de agosto p. passado, uma liga que tomou para seu patrono o companheiro Benjamin Mota e cuja directoria ficou assim constituida: Presidente Antonio Moreira Gomes; vice-presidente, Emilio de Carvalho Melo; 1.º secretario, Joaquim Corrêa da Rosa; 2.º secretario, João de Lima; 3.º secretario, Osorio Rocha, tesoureiro, José Cardoso Marques.

Ao novo baluarte da classe trabalhadora desejamos francas prosperidades, fazendo votos para que oriente a sua acção de fórma a colocar os proletarios faxinenses ao lado da falange obreira que luta pela emancipação social de sua classe.

EM UBERABINHA (MINAS)

Liga Operaria — Nesta cidade mineira vem de ser constituida uma agremiação de trabalhadores, que tomou o nome de Liga Operaria.

Ao que sabemos, o novo baluarte da classe operaria já se poz em comunicação com a Confederação Operaria Brasileira, á qual vai tratar de filiar-se.

Aos companheiros que fundaram o novo organismo obreiro enviamos as saudações da *Lanterna*, augurando-lhe uma vida de lutas proficuas para a causa da emancipação humana.

A "Lanterna" em Cruzeiro

E' sabido que os padres, ao receber ordens, fazem tres juramentos solenes de estrictamente observarem, no decurso de sua vida e missão sobre a terra, o seguinte: — "castidade perpetua, pobreza voluntaria e obediencia inteira." — Entretanto todos nós sabemos o menosprezo, o esquecimento mesmo que ligam ao que juraram.

Sobre o primeiro dos tres deveres, vemo-lo por aí diariamente desmentido e conspurcado, ainda com a agravante da deshonra e seducção, pelos Consoni e... caterva. O segundo... ah! o segundo!... aí é que está o X da questão, e do qual muito temos a falar. Todos sabem que não ha classe mais gananciosa, inexoravel e sem piedade de quem quer que seja, do que a dos padres, quando expõem á venda o produto de seu cerebro endurecido e bestializado pelo fanatismo, ou as graças e bemaventuranças do céu e dos santos, dos quais se dizem representantes directos e oficiais. Pois bem: o vigario desta terra, além de ser um otimo comerciante que sabe reputar por bons preços suas mercadorias, lembrou-se um dia destes, em uma pratica ou sermão que fez, de apelar para as almas religiosas e corações generosos, pedindo para que todos se cotizassem e lhe comprassem uma casa para sua moradia. "Em toda a parte, disse ele, o padre tem uma casa propria para sua residencia; aqui não! E' preciso pois que tratem de preencher essa lacuna o mais breve possivel, para maior gloria de Deus e de sua religião!"

Ora sim senhor! Estão vendo só? E o dinheiro que o reverendo ganha das continuas festas que faz, cujas esmolas vão todas para suas mãos, e de seus serviços, que são cobrados com usura, não dará para sua manutenção e subsistencia de acôrdo com o juramento prestado ao receber ordens?

Onde a pobreza voluntaria?!... Isto, além do mais, ainda é falta de humanidade! Com a crise angustiosa e desoladora que todo o paiz e o povo atravessam, o vigario ainda quer para si uma parte desse minguado rendimento do povo, insuficiente para sua manutenção?

Não está ainda satisfeito de ter encontrado a taverna edificada e grandemente afreguezada, e ainda por cima quer usurpar do pobre povo, valendo-se da religião, o que o povo não póde dar, para a compra de uma casa que em breves dias será transformada em verdadeiro antro de hipocrisia, dissolução e fanatismo?

Oh! é demais, seu vigario! Respeite ao menos a simplicidade do povo que lhe dá ouvidos e lhe obedece, e não especule com a sua crença, não abuse de sua boa-fé...

Cruzeiro, 2 — 9 — 1914.

Heitor Pinheiro.

FOLHETIM DA LANTERNA (35)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XVI

Consequencias dum sonho

Tomado de sinistro pressentimento, Padilla precipitou-se naquela direcção, á redea solta, e chegou justamente a tempo para ver a respeitavel dueña Dolores Labarba y Rasadora, saida do seu desmaio, arrancar os cabelos, chamando por todos os santos da corte celestial.

— Socorro, senhor! gritou ela, ao avistar o cavaleiro. Defendei a minha virtude e salvai a minha ama!

— D. Maria! E onde está ela? clamou Padilla.

— Tiraram-ma os ladrões passando por cima do meu corpo: eram mais de dez contra nós duas. Ai! Virgem Santa!

— Onde está ela? repetiu Padilla, espumando.

Estava já ao lado de Dolores e sacudia-a freneticamente.

— Acolá!... Foram para aquele lado! gemeu ela, indicando um ponto do horizonte.

Padilla não a escutava já: tinha-a largado, tornando a partir a toda a brida sem ao menos perguntar o que fôra feito da escolta. "Mais de dez", dissera a aia transtornada. Que lhe importava?! Fossem eles cem ou um exercito inteiro, do mesmo modo o cavaleiro se teria lançado no mais espesso das suas fileiras para lhes arrancar a presa.

Dolores, no seu exagero numerico, era de boa-fé: o seu espirito alterado pelo pavor vira surgir dez raptores em vez de um só. Quando Santafierno se precipitara sobre a sua companheira, fechara ela os olhos, julgando chegada a sua derradeira hora, e só os abrira para o ver desaparecer no horizonte, levando Maria deitada diante dele sobre o cavalo. Indicara muito maquinalmente a direcção, estendendo o braço para o oriente, porque era para este ponto cardial que ela estava a olhar; mas da mesma maneira podia ter designado, sem reflectir, o norte, o sul ou o poente. Felizmente, aquele gesto espontaneo marcara o lado certo.

Padilla, num galope vertiginoso, interrogava ansiosamente o horizonte: o grito de socorro de Maria chegou-lhe aos ouvidos no proprio instante em que a cativa, exausta de fôrças, ia sucumbir. Um minuto mais tarde, estaria consumado o irreparavel!

Entretanto, recuperado o sangue-frio pelos dois jovens, narrava Maria a Padilla as peripecias da luta, ou antes, as que ela podia conjecturar: a escolta meio destruida por uma descarga subita, o condutor da liteira morto, as mulas fugindo espavoridas, a chegada do misterioso raptor, que, num galope desenfreado, a levara para longe de Dolores, apavorada ou desmaiada.

— Com efeito, disse Padilla, ainda não está tudo acabado.

Primeiramente, com o natural exclusivismo dos apaixonados, só em Maria pensara; mas agora acudia-lhe á mente que havia outras criaturas humanas a socorrer. A mesma ideia ocorreu naquele instante á donzela, que murmurou:

— Não! Não temos o direito de deixar no esquecimento os outros, os que, neste momento, estão talvez morrendo por causa minha.

— Vamos, disse Padilla.

Segurou o estribo e Maria, boa amazona, saltou com ligeireza para a sela. Quanto a ele, subiu para a garupa, habituado como estava a montar corceis em pêlo. E assim se puseram a caminho.

Mas o cavalo, fatigado por uma longa viagem, seguida de um combate, recusou resolutamente galopar: estava meio exausto e agora tinha carga dobrada. Em vão Padilla aplicava a espora: o que do seu corcel pôde obter foi apenas um trote moderado.

Pelo caminho, ia o cavaleiro meditando. Reflectia sobre o modo de garantir a segurança de Maria e ir ao mesmo tempo, sem a expor a novos perigos, em socorro da escolta.

O melhor meio seria sem duvida apear-se logo que chegasse perto dos combatentes, enquanto Maria se encaminharia para a Concepción, aonde poderia chegar antes do crepusculo.

Mas consentiria ela em abandonar assim o seu defensor, em luta com numerosos inimigos e por outro lado, metendo-se a caminho sozinha, num cavalo pouco rapido, não correria ela novos riscos?

Neste ponto da sua meditação, viu de repente Padilla vir ao seu encontro uma forma humana, que mais parecia voar do que correr. A uma centena de passos, reconheceu ele Dolores naquela forma. A dueña, depois de ter apontado a Padilla a direcção tomada pelo raptador, sentira multiplicarem-se-lhe os terrores, ao ver-se novamente só. Dizia ela consigo que os salteadores iam aparecer e assalta-la, e receando ainda mais pela sua vida do que pela sua honra, tirou do proprio excesso do seu terror forças para fugir, em direcção á Concepción, segundo ela imaginava. A sua perturbação levara-a, porém, a tomar a direcção justamente oposta.

— Socorro, senhores! berrou ela, tão desvairada que nem reconheceu Maria. São mais de cem a perseguir-me...

Descobria-se a planicie rasa uma boa meia legua em volta, mas baldadamente Padilla e Maria a perscrutaram com a vista: nada enxergaram, a não ser, lá bem no fundo do horizonte, uma massa sombria e irregular — as moitas por trás das quais se tinham emboscado os bandoleiros — e menos distante, um pouco mais á esquerda, um vulto indistinto que se elevava acima do terreno — a liteira e sua equipagem. Mas quanto a seres vivos, nada! Nenhum rumor tampouco, nem detonação, nem fumo!

A causa disto era simples: o combate cessara por falta de combatentes. Uma bala desastrada dos quadrilheiros derribara um dos cavalos que serviam de trincheira aos três sobreviventes da escolta, e estes, arcabuzados então de esguelha, tinham sucumbido todos, não sem vingança, pois ao lado deles tinham caido mortos dois homens de Crotella, imprudentemente saidos do massiço protector das moitas.

Os vencedores levaram os dois cavalos validos, assim como os arnezes destes e dos outros corceis mortos ou feridos. Não se esqueceram tampouco de rebuscar nas escarcelas, apoderando-se do seu conteudo, bem como do calçado, dos gibões e das melhores de entre as restantes peças do vestuario, achando muito judiciosamente que os defuntos já de nada necessitavam.

Padilla apeara-se e corria de espada em punho, acompanhado por Maria a cavalo, tendo-se Dolores içado para a garupa. Chegou assim perto do campo de batalha, que os vencedores acabavam de abandonar. Estavam mortos todos os homens da escolta, tendo os salteadores acabado, quando os despojavam, os que ainda agonizavam.

Seria tão inutil como perigoso permanecer naquele sitio, aonde os dignos acolitos de Crotella podiam voltar em busca de alguma coisa. Padilla pôs-se, pois, novamente a caminho, no mesmo passo rapido, em direcção á Concepción, levando pela redea o cavalo sobre o qual iam montadas as duas mulheres. A presença de Dolores, sempre a gemer, obstava a qualquer efusão; mas os dois namorados não precisavam de palavras para se entenderem. A troca de um olhar fazia ás vezes de dialogo e dizia mais do que longas frases.

Começava a cair sobre a terra o anoitecer, como um ligeiro véu pardacento, ainda transparente; era a hora calma que sucedia ás agitações tumultuosas desse dia tragico. Padilla, vigilante quando não olhava para Maria, calculava a distancia que podia ainda separa-los da Concepción, para a qual o cavalo, cansado, caminhava agora mais pesadamente. Chegariam lá antes de noite fechada?

Embrenhado nestes pensamentos, avistou um turbilhão de poeira que se levantava na sua frente, na estrada.

(Contin...

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Forrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros .... 1$200
Cantos Sociais (diversos autores) $200
Almanaque de *A Aurora* para 1913 .... 1$000
Almanaque de *O Livre Pensador* $500
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno* $200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco* $200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas* $200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* $200
Ex padre Guilherme Dias, *O que é o celibato* $200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa* $200
Eugéne Pelletan, *A Inquisição* $200
Dr. N. Rouby, *O Sagrado coração de Jesus* $200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato* .... 1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa* .... 2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* .... 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* .... 1$500
Luis Bulfi, *Greve de Ventres* ... $200
José Prât, *A burguesia e o Proletariado* $300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu* $200
José Rizal, *Noli me tangere* ... $600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . 2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr* $200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* . . . . . 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* . . . . 2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras* $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico* $200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural) $100
Errico Malatesta, *Entre camponeses* $200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro* .... 2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes) 1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . . 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* . . $200
Antonio Labriola, *Del Socialismo* $400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico* $400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia* $300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo* $200
P. Guarino, *Sole a Scacchi* $400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale* $300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura* $400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici* $200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo* $200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci* $200
F. Niccolini, *Il pane gratuito* $200
Guido Podreca *Il divorzio*.. $200
Maximo Gorki, *Interviste*.... $600
» » *Il compagno* $200
» » *L'uomo*...... $200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria*...... $200
» » *I prodotti della terra* $200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane* $200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio*.. $200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool* $200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista* $200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia*... $300
» » *Operai, non bevete!*........ $100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura* $200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese*....... $300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza* $100
» » *Consigli e moniti* $100
E. Vandervelde, *Le città Piovre* $200
C. Andrea, *Un Sogno*....... $100
» » *Il socialismo*.... $100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo* $300
» » *Lo Sciopero*... $100
E. Ciacchi, *Ai contadini*.... $100
» » *Le nostre Leghe* $100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti* $100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale* $200
G. Renard, *Agli Studenti*... $100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale* $300
A. Valente, *Conferenze socialiste* $300
A. G. Paoloni, *Primo Maggio* $100

B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale* $100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi) $300
» » *Per la riduzione delle spese militari*. $300
Resoconto del *1.º Congresso dei lavoratori della terra*.. $200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gica $300
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña $400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière* . , ... $100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte* . $200

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — ***leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.***

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Rua Santa — S. Paulo.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.



TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do pais)

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar..........	200
10 exemplares..........	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livresdo porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	41$000
100 » »	1[illegible]$000
50 » »	7$000
Avulso..............	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60

— S. Paulo —

Lotes de terrenos

EM SANTOS

Vende-se magnificos lotes de terrenos, com 5 metros de frente, por 32 de fundos, na rua Dr. Manuel Carvalhal e na Avenida da Abolição—com bonde de 100 réis a porta. Preço 750$000 o lote. Verdadeira pechincha!

Trata-se, em Santos, com o sr. Luiz Ratto, na rua do Rosario, 311.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bage — Amantino O. Santos
Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

Coalho liquido Halley

E' o melhor e o mais barato. Um colher de coalho basta para coagular em litros de leite.

Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado acceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 34

Bello Horizonte

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700.

Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivasimportancias.

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 meses	2 »